

Estratégias para a transição agroecológica
Strategies for the agroecology transition

LOPES, Angelo da S. Programa de Pós-Graduação em Agronomia UFPel,
angeloagroeco@yahoo.com.br; CASALINHO, Hélio D. Departamento de Solos FAEM/UFPel,
hdcasalinho@brturbo.com.br

Resumo: O estado da agricultura ecológica é de crescimento, sabe-se porém que há muito a avançar. O processo de transição agroecológica é complexo, dividindo-se em três níveis: racionalização de insumos convencionais, substituição dos insumos convencionais por ecológicos, e redesenho do agroecossistema. A transição é o gargalo da agricultura ecológica, devido à queda na produtividade, e a adaptação ao sistema. A Agroecologia fornece a base para a transição, porém é necessário adaptar seus fundamentos a cada realidade, de maneira, se ter um plano de estratégias contextualizado com a realidade daqueles que ingressarão no processo. O objetivo desse trabalho foi desenvolver um plano de estratégias para a conversão, partindo de práticas já realizadas pelos atores e utilizando metodologias participativas. O resultado obtido foi uma gama de ações para a auxiliar na transição agroecológica.

Palavras-chave: Transição; Agroecologia; Estratégia; Conversão.

Abstract: The state of the ecological agriculture is of growth, it is known however that there is a lot to move forward. The process of transition agroecological is complex, becoming separated in three levels: rationalization of conventional inputs, substitution of the conventional inputs for ecological, and I redraw of the agroecossistema (Gliessman, 2001). the transition is the bottle mouth of the ecological agriculture (Married et all, 2000), due to fall in the productivity (Altieri, 2002), and the adaptation to the system. The agroecology supplies the base for the transition, however it is necessary to adapt their foundations to each reality, in way the if to have a plan of strategies contextualized with the reality of those that will enter in the process. The objective of that work was to develop a plan of strategies for the conversion, leaving of practices already accomplished by the actors and adopting methodology participation. The obtained result was a range of actions for the auxiliary in the transition agroecological.

Key words: Transition; Agroecology; Strategy; Conversion.

Introdução

O termo transição pode designar a ação de passar de um modo de ser ou estar a outro distinto. Isto implica a noção de processo, ou seja, um curso mais ou menos rápido, que se manifesta na realidade concreta a partir de uma intrincada configuração de causas, e que sempre há de provocar conseqüências e efeitos, previsíveis ou não, na nova situação que se estabelece (COSTABEBER *et al.*, 2004). A transição de um sistema convencional para um de base ecológica resulta na transformação das características ecológicas do sistema e conseqüentemente a redução ou substituição de agroquímicos, além de melhoras na estrutura e função dos agroecossistemas (CASALINHO, 2003).

São três os níveis de transição: o 1º diz respeito à tomada de consciência do agricultor e a racionalização das técnicas convencionais; no 2º o agricultor passa a substituir insumos sintéticos por insumos menos agressivos ao ambiente; e no 3º ocorre o redesenho do agroecossistema, onde são resolvidos problemas restantes dos outros níveis (GLIESSMAN, 2001). Esse processo de transição na prática não é tão simples, nem tão bem definido, podendo levar cinco anos ou mais, dependendo das condições ecológicas, econômicas e até culturais dos agricultores envolvidos (GLIESSMAN, 2001; ALTIERI, 2002; COSTABEBER *et al.*, 2004), podendo implicar ainda numa queda inicial da produtividade (ALTIERI, 2002). Vários são os empecilhos ao sucesso dos agricultores no processo de transição: falta de assistência técnica; falta de referências científicas; isolamento dos agricultores uns em relação aos outros; falta de prática na organização e associativismo (LOPES, 2007); etc..

O presente trabalho teve como objetivo desenvolver, através de metodologias participativas, um plano de estratégias para auxiliar um grupo de agricultores assentados a realizar a transição.

Material e métodos

O grupo escolhido para desenvolver o trabalho que fez parte de uma pesquisa de mestrado junto a UFPel, foi um grupo de agricultores assentados de reforma agrária do município do Capão do Leão RS. Esse grupo consistiu de 6 famílias de agricultores que no momento da pesquisa trabalhavam sob uma perspectiva de produção convencional, mas que porém, manifestaram interesse em realizar a transição para uma sistema de produção de base ecológica. A metodologia utilizada baseou-se nos métodos do DRP (Diagnóstico Rural Rápido e Participativo) e da pesquisa-ação, através de caminhadas transversais, entrevistas semi-estruturadas e reuniões em grupo, visando ao fim a obtenção do ponto de vista do sujeito do processo, o agricultor.

No primeiro momento foram levantadas às características do sistema de produção atual dos agricultores, e já num segundo momento foi elaborado a partir das informações colhidas um plano mínimo, ao qual se somou as sugestões dos sujeitos incluindo ou excluindo ações, além de hierarquizando-as por ordem de prioridade. O sistema de produção adotado pelo grupo no ato da pesquisa incluía ações como: Manejo convencional do solo (arações e gradagens constantes), uso de insumos e biocidas sintéticos, monoculturas voltadas para mercados muito restritos como as agroindústrias em sistemas semi-verticalizados, além de outras características comuns em sistemas

convencionais de produção. Por outro lado, os sujeitos apresentavam características importantes para o ingresso na produção de base ecológica, tais como: experiências anteriores com práticas de base ecológica; adoção de práticas alternativas no trato animal; além de baixo uso de insumos externos e vivência em grupo com certo grau de ralação comunal.

Resultados e discussão

Como resultado obtido tem-se o plano de estratégias para a transição agroecológica, apresentado de maneira resumida a seguir:

Para o nível de transição I

1. Substituição de herbicidas por capinas, roçadas, manejo cultural e efeitos alelopáticos;
2. Substituição dos adubos sintéticos por adubos orgânicos, biofertilizantes, calagem, fosfatos minerais e pó de rocha;
3. Substituir preparo convencional do solo por plantio direto e uso de plantas descompactadoras;
4. Substituição de fungicidas e inseticidas sintéticos por defensivos ecológicos, além da promoção do desenvolvimento de inimigos naturais;

Para o nível de transição II

1. Utilização de metodologia testada e recomendada para o uso da urina de vaca como bioestimulante;
2. Potencialização da adubação com esterco, através da compostagem e vermicompostagem;
3. Adoção de adubação verde com espécies leguminosas;
4. Utilização de cobertura morta nos canteiros e demais áreas de produção;
5. Adoção mais efetiva de pastejo rotativo racional;
6. Adoção mais efetiva da rotação de culturas;
7. Uso de sistemas de consórcio esquematizados;
8. Utilização de cordões vegetados com espécies adequadas;
9. Adoção de sistema de irrigação localizada utilizando pressão natural;
10. Utilização de plasticultura para produção de mudas específicas e de espécies não tolerantes ao frio;

Para o nível de transição III

1. Produção de sementes próprias;
2. Adoção de sistemas de policultivos;
3. Aumento da biodiversidade através do plantio de diversas espécies vegetais;
4. Implantação de sistema agroflorestal nas áreas de horticultura;
5. Produção do maior número possível de produtos para atender as necessidades alimentares, humanas e animal dentro da propriedade;
6. fomentar a possibilidade de se vincular a uma associação de produtores ecológicos já existentes, EMATER, ou a alguma ONG do gênero, a fim de obter assistência técnica efetiva e especializada, bem como gerar um canal de comercialização

da produção; 7. Manter um acompanhamento periódico da qualidade do solo, entendida como um indicador de sustentabilidade.

As estratégias apresentadas seguem uma lógica de ordem tecnológica, o que vem de encontro às aspirações dos próprios agricultores, cujas manifestações sempre demonstraram preocupação quanto ao fato de não saber como proceder no manejo de base ecológica, principalmente no que tange a quais técnicas adotar.

Referências bibliográficas

- ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável, Guaíba: Agropecuária Ed., 2002. 592p.
- CASALINHO, Hélio D. Qualidade do solo como indicador de sustentabilidade de Agroecossistemas. 2003. 192 p. Tese de Doutorado (Doutorado em agronomia)-Faculdade de Agronomia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- COSTABEBER, José A. & CAPORAL, F. R. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 20p.
- GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. 653p.
- LOPES, Angelo da Silva: Construção participativa de estratégias para a transição agroecológica em assentamento de reforma agrária. 2007. 103p. Dissertação de mestrado (mestrado em agronomia) – Faculdade de Agronomia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.